



SEÇÃO TEMÁTICA

Homofobia cristã e conservadorismo político: uma análise da atuação discursiva da Exodus Brasil no contexto do governo Bolsonaro

Christian homophobia and political conservatism: an analysis of Exodus Brasil's discursive performance in the context of the Bolsonaro government

Ana Rosa Cloplet da Silva*
Fernando César Buttignol**

Resumo: Esse artigo tem como objetivo descrever e analisar a atuação discursiva de um conjunto de lideranças e ministérios que compuseram a recém-extinta organização cristã interdenominacional Exodus Brasil, cujo trabalho foi tradicionalmente justificado pelo suposto objetivo de levar alívio emocional para pessoas cristãs em conflito com a homossexualidade por meio da conversão religiosa. Com base no monitoramento digital e na análise discursiva das posturas teológicas e políticas de representantes dessa organização no contexto do governo de Jair Bolsonaro (2019-2022), busca-se analisar as representações sobre a homossexualidade construídas nas redes digitais Facebook e Instagram, de modo a comprovar a hipótese de que estas se configuram em expressões de homofobia religiosa, cuja visibilidade social foi favorecida pelo contexto mais amplo de conservadorismo político vivenciado pelo país nos últimos anos. Sob tal ênfase, os resultados atingidos agregam elementos teóricos e empíricos para a discussão sobre o trânsito entre religião e política no Brasil, protagonizado por novos atores e suas estratégias de atuação.

Palavras-chave: Religião. Conservadorismo político. Exodus Brasil. Homofobia.

Abstract: This article aims to describe and analyze the discursive performance of a group of leaders and ministries that composed the recently extinct interdenominational organization Exodus Brazil, whose work was traditionally justified by the supposed objective of bringing emotional relief to Christian people in conflict with homosexuality, through religious conversion. Based on digital monitoring and discursive analysis of theological and political postures, in the context of Jair Bolsonaro government (2019-2022), it aims to analyze the representations about homosexuality constructed on the digital networks Facebook and Instagram, in order to prove the hypothesis that they constitute expressions of religious homophobia, whose social visibility was favored by the broader context of political conservatism experienced by the country in recent years. Under this emphasis, the results achieved add theoretical and empirical elements to the discussion on the exchanges between religion and politics in Brazil, led by new actors and their operating strategies.

Palavras-chave: Religion. Political conservatism. Exodus Brazil. Homophobia.

* Professora do PPG em Ciências da Religião da PUC Campinas (Campinas-SP). Doutora em História (UNICAMP, Campinas-SP). ORCID: 0000-0001-7612-1130 – contato: anacloplet@gmail.com

** Mestre em Ciências da Religião (PUC Campinas, Campinas-SP). ORCID: 0000-0002-3918-7509 – contato: fbuttignoll@gmail.com

Introdução

A criação da organização cristã interdenominacional Exodus Internacional, em 1976, foi o resultado da união de 66 ministérios religiosos estadunidenses, concordantes sobre uma visão bíblica do pecado da homossexualidade e reativos à decisão da Associação Americana de Psiquiatria (APA), em 1973, de retirar a homossexualidade do Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais (DSM). Até então – e desde o final do século XIX –, a homossexualidade era considerada um tipo de doença mental ou, na perspectiva foucaultiana, uma captura histórico-política que se tentou estabelecer quanto a uma forma de experiência, relação e prazer que se queria excluir (Foucault, 2015).

A atitude da APA representou um “ato simbólico que marcou uma reviravolta nas relações de forças entre as diferentes teorias da sexualidade” (Pollack, 1987, p. 55) e que resultou em uma mudança na abordagem da homossexualidade. As teorias classificatórias, reducionistas e discriminatórias até então predominantes deram lugar aos estilos de vida e à melhoria das condições sociais dos homossexuais. Interesse este derivado da liberalização geral dos costumes sexuais, fruto da “diferenciação entre interesse e reprodução sexuais, da racionalização da sexualidade e da contabilidade do prazer” (Pollack, 1987, p. 57).

A “missão” de “salvar as pessoas homossexuais” do pecado, proposta pela Exodus Internacional, ganhou força e adeptos em diferentes partes do mundo, inclusive no Brasil, quando, em 1998, foi fundada a Exodus Brasil, com a celebração do “3º Encontro Cristão sobre Homossexualismo”, na cidade de Viçosa, em Minas Gerais. À época, o jornal “Folha de São Paulo” noticiou que, de acordo com o Corpo de Psicólogos e Psiquiatras Cristãos (CPPC), tratou-se de uma iniciativa destinada a ajudar os “homossexuais descontentes” com a orientação sexual, com fins informativos para entender melhor o “homossexualismo” e as soluções oferecidas pela conversão religiosa (Biancarelli, 1998). Um ano antes, em 1997, ocorreu a primeira Parada Gay do Brasil, na cidade de São Paulo, com o *slogan* “somos muitos, estamos em todos os lugares e em todas as profissões”. Com o encerramento das atividades em 2013, a Exodus Internacional passou a se chamar Aliança Global Exodus (AGE), da qual a Exodus Brasil era considerada uma “região”.

Sob o governo do ex-presidente Jair Bolsonaro (2019-2022), declaradamente homofóbico (Matos, 2022), encontrou-se continuamente ameaçada toda a história de conquista por respeito, direitos e dignidade da comunidade LGBTQIA+, acompanhada pelo abandono de investimentos em políticas públicas ligadas às pautas das minorias sexuais. Uma conjuntura, como veremos adiante, favorável para o fortalecimento e a publicidade das posturas conservadoras sobre a homossexualidade, protagonizada por ministérios e líderes da Exodus Brasil.

Luiz Inácio Lula da Silva, do Partido dos Trabalhadores, foi eleito novamente chefe do Executivo em 30 de outubro de 2022 e, surpreendentemente, após 24 anos de atuação no Brasil, a Exodus Brasil deixou de existir enquanto entidade jurídica. Foram estas as palavras publicadas no Facebook e no site oficial da organização, em 1º de novembro, um dia após o resultado oficial das eleições:

Queridos irmãos, amigos e parceiros que acompanham o Exodus Brasil: após um tempo de oração e busca a Deus, decidimos encerrar formalmente o Exodus Brasil, deixando de existir como CNPJ, com diretoria formada e legalizada. Essa informalidade nos dará melhores condições de contribuir com quem chega até nós de maneira voluntária. Toda a diretoria e assembleia até aqui continua convicta de seu papel em mostrar que é possível viver uma sexualidade saudável à luz da bíblia sagrada. Ministerialmente, estamos melhorando nossas rotas e estratégias para servirmos com mais liberdade, ampliando a visão pautada na palavra de Deus (Exodus Brasil, 2023).

A mensagem termina com uma citação de 2 Coríntios 1:10, associando esperança, homossexualidade e morte: “Ele nos livrou e continuará nos livrando de tal perigo de morte. Nele temos depositado a nossa esperança de que continuará a livrar-nos”.

Vale lembrar que a Aliança Global Exodus sofreu dois importantes reveses em 2021. Com sede no Canadá, o escritório da organização suspendeu as atividades em junho em razão da vigência da lei federal Bill C-6, que proibiu as “terapias de conversão” em crianças e adolescentes no país. No mesmo mês, a plataforma de streaming Netflix lançou o documentário *Pray Away*, alertando sobre os malefícios de tais terapias de reorientação sexual. Tanto a lei canadense quanto o documentário tinham a organização Exodus em sua mira. Foi também em 2021 que a Exodus Brasil removeu do seu site uma lista com doze ministérios de ajuda brasileiros. Em novembro de 2022, junto ao encerramento da empresa Exodus Brasil, o site da Aliança Global Exodus foi desativado.

A Exodus Brasil se autodenominava uma organização cristã interdenominacional, sem fins lucrativos, composta por uma rede de ministérios de ajuda especialista em aconselhamentos e mentorias para pessoas cristãs no âmbito da identidade e sexualidade. Até o ano de 2021, o site oficial da organização disponibilizava uma lista com doze ministérios¹ que, decerto, não representam a totalidade de parceiros e apoiadores da Exodus Brasil. A estes se somam líderes, missionários, igrejas, escritores e teólogos, configurando uma vasta e complexa rede evangélica interdenominacional que comporta iniciativas tais como palestras,退iros, jornadas, congressos cristãos e laicos, encontros e treinamentos em variadas regiões brasileiras.

O mapeamento dos ministérios de ajuda nas redes sociais digitais Facebook e Instagram identificou que oito deles – ou seja, 2/3 do total – utilizam pelo menos uma rede social, enquanto, entre os líderes religiosos que os coordenam², sete possuem perfis e páginas em ambas as redes digitais.

Foi constatado que, no grupo de líderes ministeriais, predomina a presença de mulheres, sendo que, de cinco delas, quatro são missionárias cisgêneros e uma pastora “ex-gay”. No que toca à formação profissional, três são psicólogas e duas são terapeutas. No segmento masculino, há dois pastores cisgêneros – um especialista em psicanálise e outro em sexualidade humana – e um missionário “ex-gay”, que é professor e escritor. De um total de oito líderes, três são formados em Teologia, compondo um sistema

1 São eles: Amor Em Ação; ONG Avalanche Missões; Projeto Candeia; Companheiros de Jugo; Grupo de Amigos - G.A., Grupo de Amor, Aceitação e Perdão – GAAP; Identidade em Cristo; Luz na Noite; Paz com Deus; Plenitude; Redenção Pedro II – RP2; Sexualidade e Restauração – SER.

2 Herbert da Silva Amorim (Amor em Ação); Andréa Vargas (ONG Avalanche Missões); Miriam Fróes (Projeto Candeia); Denise Andrade (GAAP); Débora Fonseca e Cunha (Luz na Noite); Willy Torresin (Paz com Deus); Márcia Elisa do Vale (RP2); David Riker (SER).

especialista em sexualidade e relacionamentos que agrupa psicólogas, terapeutas, missionários e pastores cristãos.

Trata-se, em suma, de um sistema de competência profissional com direta inserção em diversas áreas da vida social, auxiliando na auto-organização das narrativas da vida na modernidade diante das transformações históricas da intimidade humana e quando a falta de sentido pessoal passa a ser um importante problema psíquico (Giddens, 1993; 1997).

Desse universo, foram selecionadas para este artigo as publicações das páginas e perfis dos pastores Herbert Amorim e David Riker e do ministério de ajuda Redenção Pedro II, entre 2018 e 2022, em razão do grau de ativismo digital e do conteúdo político das publicações. O pastor Riker é o mais engajado e interativo entre os ministérios e líderes religiosos da Exodus Brasil, enquanto o pastor Amorim e o ministério RPII estão entre aqueles cujo principal conteúdo das publicações é político. Com base no método netnográfico, como sugerido por Robert Kozinets, partimos da compreensão segundo a qual as redes sociais digitais criam um senso de comunidade, enquanto “um grupo de pessoas que compartilham de interação social, laços sociais e um formato, localização ou ‘espaço’ interacional comum”, além de um senso subjetivo de pertencimento (Kozinets, 2014, p. 16-17). As comunidades manifestam culturas que guiam o comportamento de determinados grupos de pessoas. Dessa forma, as redes digitais também são fontes de cultura, nas quais, além da troca de informações, há também uma troca de sistemas de significado que, no caso analisado, referem-se à homossexualidade e sua relação com posturas políticas conservadoras.

Para a análise do conteúdo discursivo dessas fontes, foram utilizadas algumas considerações da linguista Eni Orlandi, que chamam a atenção para as peculiaridades do discurso religioso cristão, como a criação de relações assimétricas entre os ouvintes e o emissor que “fala a voz de Deus”: a voz do padre, do pregador ou de qualquer representante seu (Orlandi, 1987, p. 243). Trata-se, portanto, de uma modalidade discursiva que estabelece relações de poder que separam fiéis e infiéis, produtora de mistificações, por meio das quais “a apropriação da voz de Deus e/ou da divindade se faz sem que se explique aos fiéis os mecanismos que levam à incorporação de voz, pois é como se o divino falasse” (Zanotto, 2018, p. 344). Tais peculiaridades nos levam a refletir sobre a construção social da realidade e seus mecanismos de legitimação. Além do conteúdo, Orlandi também chama a atenção para a forma discursiva, que articula sujeito, situação sócio-histórica e memória discursiva.

Nesse sentido, “discursos não formam um sistema isolado e autônomo, mas se articulam a representações difusas na sociedade brasileira e correspondem, em última instância, a fios no interior de uma densa trama de relações de poder” (Natividade, Oliveira, 2013, p. 81).

Com base nas informações contidas nas páginas do Facebook e Instagram dos ministérios da Exodus, buscou-se, também, identificar a especificidade dos segmentos religiosos envolvidos e a formação e atuação profissionais dos líderes ministeriais, além de suas posturas públicas sobre a homossexualidade diante do crescimento da visibilidade e do avanço da cidadanização da comunidade LGBTQIA+, tendo como pano de fundo o caráter público da religião no Brasil, a midiatização evangélica, o governo

Bolsonaro e a “onda conservadora” – em termos políticos e religiosos – que atingiu o Brasil neste contexto.

Um breve “estado da arte” dos estudos sócio-históricos das religiões e sexualidades

Nos estudos da sociologia, a “modernidade reflexiva” pressupõe o aumento da individualização e a diminuição do controle pela tradição e pela convenção, caracterizando-se pela crise da família nuclear e pela auto-organização das narrativas de vida, na qual o eu é construído coerente e reflexivamente, assim como os contextos institucionais mais amplos nos quais ele existe. Uma das tendências associadas à categoria da “modernidade reflexiva” se refere à libertação da sexualidade do campo estritamente privado e sua passagem para o domínio público. De acordo com Giddens,

Hoje em dia a “sexualidade” tem sido descoberta, revelada e propícia ao desenvolvimento de estilos de vida variados. É algo que cada um de nós “tem”, ou cultiva, não mais uma condição natural que um indivíduo aceita como um estado de coisas preestabelecido. De algum modo, que tem que ser investigado, a sexualidade funciona como um aspecto maleável do eu, um ponto de conexão primária entre o corpo, a autoidentidade e as normas sociais (Giddens, 1993, p. 25).

As relações homossexuais encontraram terreno fértil para sua construção e desenvolvimento nas sociedades pós-tradicionais. Segundo a concepção atual de “relacionamento”, os gays foram precursores, quando comparados à maioria dos heterossexuais, na formação de relações independentes do modelo de casamento tradicional e na instituição de formas de convivência de igualdade entre os parceiros. Nesse sentido,

A “emergência” da homossexualidade é um processo muito real, com consequências importantes para a vida sexual em geral. Foi assinalado pela popularização da autodenominação gay, um exemplo daquele processo reflexivo em que um fenômeno social pode ser apropriado e transformado através do compromisso coletivo (Giddens, 1993, p. 24).

A transformação da intimidade, com a independência emocional e sexual da mulher e a saída das homossexualidades da clandestinidade, impactou positivamente os estudos acadêmicos sobre as sexualidades, até então praticamente inexistentes. No Brasil, a partir de 1970, as ciências sociais, com destaque para a antropologia, foram pioneiras nos estudos sobre sexualidades e expressões de gênero não normativas, especialmente com as obras Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira (1982), de Peter Fry, e O que é homossexualidade (1983) do mesmo autor com Edward McRae. Essas obras não somente deram ao pensamento socioantropológico brasileiro um “caráter original e precursor do pensamento crítico que mais tarde viria a ser batizado de teoria *queer*”, como, já demonstravam as “inquietações contemporâneas em relação a processos de naturalização das diferenças e a fechamentos identitários” (Carrara, Simões, 2007, p. 75-76).

Com o intuito de deslocar os estudos sobre a homossexualidade dos departamentos de psicologia e medicina para o campo de estudos culturais e políticos, Fry e McRae

expressam um pensamento claramente oposto às perspectivas universalizantes, homogeneizantes e essencialistas sobre o tema, quando afirmam que “não há nenhuma verdade absoluta sobre o que é a homossexualidade e que as ideias e práticas a ela associadas são produzidas historicamente no interior de sociedades concretas e que são intimamente relacionadas com o todo destas sociedades” (Fry, MacRae, 1995, p. 10). De fato, o debate teórico socioantropológico da sexualidade é marcado pelo enfrentamento de duas posições – o essencialismo e o construtivismo social – debate este que ganha ainda mais importância nos discursos antropológicos cristãos com base nos textos bíblicos sobre o gênero binário.

No essencialismo viceja a convicção de que há algo inerente à natureza humana, inscrito nos corpos na forma de um instinto ou energia sexual que conduz as ações. A sexualidade ora restringe-se a um mecanismo fisiológico, a serviço da reprodução da espécie, ora à manifestação de uma pulsão, de ordem psíquica, que busca se extravasar. O construtivismo social reúne abordagens que buscam problematizar a universalidade desse instinto sexual. O foco da argumentação é o de que existem formas culturalmente específicas, que o olhar ocidental chama de sexualidade, que envolvem contatos corporais entre pessoas do mesmo sexo ou de sexos diferentes, ligados ou não à atividade reprodutiva, que podem ter significados radicalmente distintos entre as culturas, ou mesmo entre grupos populacionais de uma determinada cultura (Heilborn, Brandão, 1999, p. 3).

Sobre a associação entre religiões e homossexualidades, convém destacar as pesquisas de Peter Fry sobre os candomblés em Belém do Pará, na esteira dos trabalhos da antropóloga norteamericana Ruth Landes, no final dos anos 1930. Trata-se de um campo de estudos ainda pouco explorado pelas ciências da religião e teologia. No Brasil, os candomblés são as religiões de matriz africana que mais sofrem violência em razão da intolerância religiosa, estruturada pelo processo de colonização brasileiro e agravada pelas posturas discriminatórias de muitos pastores evangélicos, sobretudo os pentecostais e neopentecostais.

Na relação entre homossexualidade, religião católica e etnias no período colonial brasileiro, os trabalhos do antropólogo Luiz Mott (1986; 2005) e do historiador Ronaldo Vainfas (1986; 2011) são fundamentais, demonstrando que as características do Estado colonial português na América foram determinantes na construção das ideias e das práticas da homossexualidade, enquanto um produto histórico condicionado social e culturalmente. O modelo da família patriarcal e suas formas hierárquicas, o sistema latifundiário, o papel moralizador da igreja católica, o racismo, a promiscuidade e a violência no Brasil Colônia criaram um ambiente pouco propício para a homoafetividade, embora alguns poucos casos amorosos tenham sido relatados. Ao contrário, propiciaram o desenvolvimento de relacionamentos autoritários, assimétricos, abusivos e sádicos, que, por ainda inculcarem espíritos contemporâneos, são obstáculos reais e atuais para o reconhecimento e fortalecimento da diversidade e dos pluralismos que caracterizam a sociedade brasileira.

O filósofo e historiador Michel Foucault influenciou enormemente os estudos brasileiros sobre o tema da sexualidade, tanto nos anos 1980 quanto na atualidade. Segundo o autor, pensar que as sociedades modernas industriais e burguesas sofreram de uma progressiva e intensa repressão sexual pareceria uma grande hipocrisia, uma vez

que nunca se falou tanto sobre sexo e nunca se teve tanta vontade de saber sobre ele como nas “pervertidas” sociedades modernas, ao mesmo tempo que o mantêm secreto.

Para Foucault, a sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico e político, ou seja, “uma rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e poder” (Foucault, 2017, p. 115), que tem como “cristal” o núcleo familiar.

Crítico do filósofo francês, Giddens evidencia que uma sociedade de alta reflexividade se constitui pelo caráter “aberto” da autoidentidade e pela natureza reflexiva do corpo, em meio a uma quantidade enorme de recursos reflexivos: terapias e manuais de autoajuda, programas de televisão, artigos de revistas e, mais recentemente, as mídias digitais. Além disso, a substituição da “perversão” pelo “pluralismo” é parte de um conjunto de mudanças essenciais à expansão da modernidade.

Ainda no campo das ciências sociais, os estudos de Marcelo Natividade e Leandro Oliveira são bastante relevantes ao focar na relação entre religiões evangélicas e diversidade sexual, LGBTfobia, direitos humanos e políticas públicas, marcadores sociais de diferenças, entre outros temas.

Imprescindível mencionar a contribuição da área 44 da CAPES nas pesquisas que relacionam teologia, religião, diversidade sexual, igrejas inclusivas, estudos queer e direitos humanos, entre as quais destacam-se os trabalhos de André Sidnei Musskopf³ e Ana Ester Pádua Freire⁴, além de outros importantes pesquisadores, com destaque para aqueles que integram o Grupo de Estudos de Gênero e Religião do Programa de Pós-graduação da Universidade Metodista de São Paulo, responsáveis pela edição da Revista Mandrágora, cujo foco e escopo tem representado importante contribuição para divulgação de trabalhos sobre o tema.

Um recorte da Exodus Brasil nas redes sociais digitais

Dada a diversidade de atores, tendências e canais digitais por meio dos quais são veiculados os conteúdos discursivos da Exodus Brasil, o presente artigo procedeu a um recorte destas fontes, em que foram privilegiadas as publicações das páginas e perfis dos pastores Herbert Amorim e David Riker e do ministério de ajuda Redenção Pedro II, para o período de 2018 a 2022. Conforme explicado introdutoriamente, tal recorte se justifica na medida em que o grau de ativismo digital e visibilidade social alcançados

3 André Musskopf, mestre e doutor em teologia, foi ordenado pastor em 2022 pela Igreja Batista Nazareth, de Salvador, e é autor de inúmeras obras como “Uma brecha no armário: propostas para um teologia gay” (2015), “Talar rosa: homossexuais e o ministério na Igreja” (2005) e “Via(da)gens teológicas” (2019), além de possuir uma vasta publicação de artigos. Atualmente, é professor da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) na área de Ciência da Religião.

4 A reverenda Ana Ester Pádua Freire, que é jornalista, teóloga, mestre e doutora em ciências da religião, considera-se uma pesquisadora independente da teologia indecente de Marcella Althaus-Reid, um dos principais nomes da teologia queer da América Latina e dos estudos que relacionam cristianismo, Bíblia e sexualidade. Ela é ministra ordenada pelas Igrejas da Comunidade Metropolitana (ICM).

por essas lideranças, assim como o teor político-religioso de suas publicações constituem amostragem privilegiada na análise dos vínculos entre o conservadorismo sexual evangélico e o contexto político representado pelo governo de Jair Bolsonaro.

O pastor e psicanalista do Ministério Amor em Ação

O ministério Amor em Ação, com perfil no Instagram (Ministério Amor em Ação, 2024), está localizado em Fortaleza, no Ceará. Seu coordenador é Herbert Silva de Amorim, da Igreja de Cristo no Brasil (ICB), na qual é pastor desde 2003. “Amor em Ação”, cuja tradução para o inglês é *Love in Action*, foi o nome dado ao mais antigo ministério cristão “ex-gay” e prestador de serviços de reorientação sexual da Exodus Internacional. Fundado em 1973 pelo californiano Frank Worthen, a partir de um pedido suposta e diretamente feito por Deus, o ministério foi uma das pedras fundamentais, senão a mais importante, da organização Exodus e da crença religiosa de que é possível “sair” da homossexualidade (National Museum of American History, 2017).

O pastor Herbert Amorim foi o pioneiro na criação de conteúdos pessoais nas redes sociais digitais. Foi o primeiro filiado da Exodus Brasil a ter um canal próprio no Youtube, em 2007, uma página no Facebook, em 2009 e um perfil no Instagram, em 2012. Apesar de os perfis apresentarem baixa atividade de publicações, estas tiveram um aumento significativo no Instagram, observado por meio de um monitoramento digital realizado entre maio de 2021 e setembro de 2022, quando dobraram de número. Já as publicações no Facebook se mostraram relevantes por mostrar as empatias e antipatias políticas do pastor, principalmente quando envolvem as pautas religiosas, morais e identitárias.

Amorim tem formação em teologia pela Faculdade Unida de Vitória (FUV), onde posteriormente se especializou em aconselhamento cristão e psicologia pastoral. Estudou, também, terapia comunitária integrativa no MSMCBJ (Movimento de Saúde Mental Comunitária do Bom Jardim) e formou-se em psicanálise clínica em 2021. Ele iniciou sua carreira pastoral na Igreja de Cristo (IC) Parque Genibau, em Fortaleza, e atualmente atua como pastor, conselheiro cristão e psicólogo pastoral na IC Maraponga, também na capital cearense.

A Igreja de Cristo no Brasil é uma organização religiosa fundada em 1932, em Mossoró/RN, por dissidentes da Assembleia de Deus que, “por divergência doutrinária quanto à segurança da eterna salvação do crente genuíno” (Igreja de Cristo no Brasil, 2020), desenvolveu quatorze pontos doutrinários, em acordo com capítulos e versículos bíblicos. Dentre estes encontram-se: a crença em um governo teocrático-congregacional, na inspiração divina, veracidade e autoridade da Bíblia, na pecaminosidade e culpabilidade universais, na redenção por meio da morte de Jesus Cristo e na certeza de sua segunda vinda.

Amorim possui duas páginas no Facebook. Em uma delas, criada em abril de 2009 e com um baixo número de seguidores, ele se apresenta como terapeuta integrativo e psicólogo pastoral (Amorim, 2024a). Na outra, criada em julho de 2016 e dedicada a “compartilhar momentos e atividades, em família, amigos e Igreja”, também com

poucos seguidores, encontra-se a personalidade pastor (Amorim, 2024b). Enquanto nesta predominam fotografias e vídeos sobre atividades alegres e pacíficas com a família, com os amigos e especialmente com a igreja, naquela o terapeuta reflete sobre cristianismo, futebol, televisão, música, animais, desigualdade social, educação sexual, liberdade religiosa e sobre política, tanto geral quanto local, sendo este um assunto que o psicanalista e o pastor não dispensam.

Por meio de um sistema de associações e oposições entre as palavras, é possível identificar, quando o assunto é política e costumes, suas preferências e aversões, assim como seus amigos e inimigos, nas publicações do Facebook.

Ao lado da “bandidagem” e da decadência moral, estão a Rede Globo, o PT (especialmente o presidente Lula), a Venezuela, a China, o comunismo, o STF, as artistas Pablo Vittar e Anitta, o deputado estadual transgênero Thammy Miranda, o ex-deputado federal Jean Willys, as universidades federais e o *lockdown* durante a pandemia da COVID-19. Todos, na sua visão, são parte de uma rede progressista ameaçadora e desestabilizadora da ordem tradicional.

Em contraposição, ao lado de Deus estariam o “Brasil”, os times do Fortaleza e do Palmeiras, os cachorros, os pobres, Jair Bolsonaro, a ex-ministra e atual senadora Damares Alves, a família tradicional, a Rede Record, o SBT, a rádio Jovem Pan, a ivermectina para o tratamento da COVID-19 e a conversão de indígenas, muçulmanos e budistas ao cristianismo. Amorim se vê como um combatente da injustiça, das desigualdades sociais e, paradoxalmente, do socialismo.

De perfil nostálgico, tradicionalista, patriota e militarista, ele se preocupa com a educação sexual nas escolas e é um adepto do programa/projeto de lei “Escola sem partido”, “que procura restabelecer [...] um certo tipo de cristianismo fundamentalista como centro organizador da vida e das instituições sociais” (Souza, 2022), gerando desconfiança entre professores e alunos, abalando os processos de construção de conhecimento e o diálogo entre as alteridades na sociedade brasileira diversa e plural. Com efeito, tal programa é um ataque frontal às liberdades democráticas.

Durante o mês de outubro de 2022, enquanto ocorriam as eleições presidenciais no Brasil, Amorim não hesitou em se posicionar politicamente no Facebook a favor da reeleição de Jair Bolsonaro. Na página dedicada à igreja, foi publicada uma imagem sobre aquilo que o pastor considera os nove “sintomas do Lulavírus” (Amorim, 2022a), como a burrice, a defesa de supostos regimes totalitários, a ingenuidade, a defesa do sindicalismo, do movimento estudantil e da reforma penitenciária, a vagabundagem, a ignorância e a bestialidade.

Em outra publicação, Amorim compartilhou um vídeo do Youtube do então candidato a deputado estadual pelo partido Novo-SP Lucas Pavanato, no qual o ex-candidato ataca o deputado federal Guilherme Boulos (Amorim, 2022b), acusando-o de apoiar o “bandido” e “defensor da ditadura militar cubana” Luiz Inácio Lula da Silva. Nesse vídeo, Pavanato também abordou pessoas “de esquerda” nas ruas, buscando colocá-las em situações de constrangimento e de contradição, a fim de atacar aquilo que ele considera a “barbárie socialista”.

Já na página do psicanalista, durante o mesmo mês de outubro de 2022, o movimento foi maior. As publicações do mês iniciaram com uma imagem emblemática, na

qual se lê “Deus acima de tudo, Brasil acima de todos” (Amorim, 2022c). O pânico de que o Partido dos Trabalhadores faça do Brasil um país comunista parece ameaçar o estado emocional de Amorim, que defende a cor verde e amarela da bandeira brasileira e não a cor vermelha.

Ainda na primeira semana de outubro, Amorim escreveu: “estou em oração pela minha nação” (Amorim, 2022d), dando sessenta motivos para votar em Jair Bolsonaro. Além disso, denunciou atos de vandalismo na igreja Assembleia de Deus Pernambuco (Amorim, 2022e), com pichações nas quais liam-se “Deus é gay”, “Bolzonaro viado” e “Lula”, numa clara associação entre diversidade sexual e esquerda política. De acordo com Amorim, “a igreja não tem partido, mas tem princípios que precisam ser defendidos” (Amorim, 2022f) e “crentes discutem política sim” (Amorim, 2022g).

Ministério Redenção Pedro II – RP2

Localizado na capital mineira, o Ministério Redenção Pedro II atua no Facebook (Ministério RP2, 2024a), desde 2013, e no Instagram (Ministério RP2, 2024b), onde inaugurou o perfil em 2018, ambos com aproximadamente 500 seguidores. O Ministério, coordenado pela psicóloga e missionária Márcia Elisa R. do Vale, trabalha na área da sexualidade a partir do evangelismo de travestis e do ensino sobre o tema embasado nos textos bíblicos, em parceria com a Igreja Presbiteriana Bereia de Goiânia, a Comunidade Cristã Caverna Adulão e a 3ª Igreja Presbiteriana, todas de Belo Horizonte.

Ainda que o ministério apresente um baixo ativismo digital, em razão do número reduzido de seguidores e de uma frequência baixíssima de publicações e interações com o público nos perfis do Facebook e Instagram, ele se torna relevante em razão da predominância de publicações que relacionam política bolsonarista e conservadorismo sexual, que não só apontam o próprio modo de pensar e sentir do ministério e da Exodus Brasil, como acabam por robustecer representações negativas sobre a homossexualidade para comunidades digitais interconectadas.

As publicações costumam abordar assuntos ligados às consideradas “desordens sexuais”, como a pornografia, a prostituição, a dependência, a compulsão e o vício sexuais, às quais todos os cristãos estão sujeitos. Seriam estas, também, desordens identitárias, desalinhadas da moral sexual tal qual ensinada na Bíblia. Além disso, a importância do papel dos pais na formação da identidade dos filhos, os perigos da “ideologia de gênero”, depoimentos de ex-transgêneros, a educação sexual no ensino público e o feminismo pela ótica da direita conservadora, estão entre outros temas tratados.

Uma imagem publicada na rede social digital Instagram, retrata a “ordem bíblica da família”, uma ordem hierarquizante, vertical e funcional (Ministério RP2, 2019a). Nela, o marido deve proteger, liderar e prover a família, enquanto a esposa deve confortar, ensinar e nutrir e os filhos devem amar e obedecer os pais. Jesus está acima de todos, como um grande guarda-chuva.

É imprescindível evidenciar as publicações que defendem a liberdade de expressão religiosa para condenar a prática homossexual, os movimentos de diversidade e a criminalização da homofobia. Uma vez que a visão bíblica e conservadora do ministério

nega a diversidade sexual, o Estado deveria ser constantemente denunciado por impor condições que obrigam as pessoas crentes e/ou conservadoras a concordarem com a existência de diferentes orientações sexuais e identidades de gênero, como mostram os títulos de alguns *posts* publicados no Facebook: “professor é demitido por não chamar aluno pelo artigo transgênero” (Ministério RP2, 2018a); “ONG cristã é forçada a agenciar adoções para casais gays” (Ministério RP2, 2018b); “confeiteiro cristão volta ao tribunal por se recusar a fazer bolo gay” (Ministério RP2, 2018c); “justiça proíbe pai de tratar filha como menina após ela se declarar menino” (Ministério RP2, 2019b); “transexual é ordenado ao ministério pastoral em Igreja Batista nos EUA” (Ministério RP2, 2019c). Todos esses casos ocorreram nos Estados Unidos.

Mas as ameaças ao universo crente não se restringem ao território estadunidense, como mostram as seguintes publicações: “certidão de nascimento poderá ter opção ‘gênero X’ em Minas Gerais” (Ministério RP2, 2019d); “Cuba tira casamento gay da nova Constituição após protestos evangélicos” (Ministério RP2, 2018d); “Suprema Corte do Canadá determina que os direitos LGBT devem se sobrepor a crenças religiosas” (Ministério RP2, 2018e); “escolas da França substituirão ‘pai’ e ‘mãe’ por ‘genitor 1’ e ‘genitor 2’” (Ministério RP2, 2019e); “bandeira LGBT deverá ser hasteada em várias escolas primárias canadenses a partir de junho” (Ministério RP2, 2019f), entre outras. Neste sentido, nota-se que o discurso veiculado procura demonstrar que o pânico é geral e ao mesmo tempo local, frente ao avanço das conquistas da comunidade LGBTQIA+.

Nas investidas contra o Estado brasileiro progressista, o ministério RP2 costuma apoiar e ser respaldado pelas posições do Instituto Brasileiro de Direito e Religião, o IBDR e da Associação Nacional de Juristas Evangélicos, a ANAJURE. Em uma publicação de janeiro de 2019, há uma menção sobre a advogada Ângela Gandra Martins Silva, filha de Ives Gandra da Silva Martins, presidente de honra do IBDR, quando foi anunciada como a titular da Secretaria Nacional da Família, órgão vinculado ao ministério da então ministra Damares Alves. Já em setembro do mesmo ano, o Ministério criticou a ordem do Supremo Tribunal Federal quanto ao reconhecimento da união entre pessoas do mesmo sexo como entidade familiar, “exercendo uma função que cabe ao Legislativo”, da mesma forma quando, em junho de 2019, enquadrou a homofobia como “crime de racismo” (Ministério RP2, 2019g). Na época, a ANAJURE se manifestou, repudiando o posicionamento do STF ao mesmo tempo em que defendeu o ex-ministro da educação Milton Ribeiro quando este falou ao jornal “O Estado de S. Paulo” que a homossexualidade estava associada a desajustes familiares (Ministério RP2, 2019h).

Com base em uma investigação das publicações efetuadas entre dezembro de 2018 e junho de 2019 no Facebook, foi possível identificar o alinhamento do Ministério RP2 com a extrema direita política ultraconservadora do governo de Jair Bolsonaro, especialmente nos assuntos ligados às pautas moral e de costumes. Sobre sua posição contra o aborto, o Ministério teceu elogios à ex-ministra da Família, da Mulher e dos Direitos Humanos, Damares Alves (Ministério RP2, 2018f), e ao ex-presidente estadunidense Donald Trump (Ministério RP2, 2019i).

As críticas e oposições à “ideologia de gênero” feitas pelo ex-chanceler Ernesto Araújo (Ministério RP2, 2018g), por Jair Bolsonaro (Ministério RP2, 2018h) e pela

deputada estadual de Santa Catarina Ana Caroline Campagnolo (Ministério RP2, 2019j), também tiveram destaque.

“Por uma sexualidade bíblica”: as publicações do pastor David Riker no Instagram

Confesso “conservador burkeano” e ex-presidente da Exodus Brasil, o pastor batista David Riker acredita que “o maior e o mais atual inimigo da sexualidade bíblica não é o conteúdo do mundo, é a falta de conteúdo da Igreja” (Riker, 2021a). David estudou arte, educação, filosofia e teologia. Formado pelo Seminário Teológico Batista Nacional da Amazônia, em Belém do Pará, é também especialista em sexualidade bíblica e pós-graduado em Sexualidade Humana pela *Child Behavior Institute – CBI*, que fica nos Estados Unidos. Em suas palavras, foi predestinado a ser “arminiano”, mas escolheu ser “calvinista”. Ele foi ordenado pastor oficialmente em 2009.

Na atualidade, ele é pastor na Igreja Central, sede da Igreja Batista Central, em Belo Horizonte. Nesta, ele integra a chamada “Central da Restauração”, uma iniciativa que busca ajudar cristãos no tocante à sua saúde emocional. Riker acredita na “Transição” de um modelo tradicional de Igreja para um tipo celular, composto por pequenos grupos, formados de acordo com um perfil – crianças, adolescentes, universitários e jovens e adultos – que se reúnem em residências ou espaços de sociabilidade para abordar e refletir sobre um tema bíblico, para orar, louvar, descontrair e comungar com um lanche. De acordo com Natividade (2013, p. 126), célula é “o estado embrionário da formação de uma congregação cristã”, uma estratégia para a criação e expansão de uma denominação, cujo desenvolvimento pode levar ao *status* de missão e até de reconhecimento formal de vínculo à denominação de origem.

Riker é quem coordena o ministério religioso Sexualidade e Restauração, ou SER, e entre os ministérios e atores religiosos da Exodus Brasil, ele é quem tem o maior número de seguidores no Instagram. Entre maio de 2021 e setembro de 2022, durante os dois anos finais do governo de Jair Bolsonaro, o número saltou de 18 mil seguidores para mais de cem mil (atualmente, em maio de 2024, ele tem 187 mil seguidores).

Diferentemente das igrejas chamadas “legalistas” – que na opinião de Riker ferem com suas posições rígidas a respeito da homossexualidade – e das igrejas da “graça barata” – referindo-se às igrejas inclusivas, nas quais “tudo é permitido” (Riker, 2022a) – a igreja concebida por Riker está entre as “ofensas” da primeira e a “covardia” da segunda. Isto é, o acolhimento aos homossexuais deve ser um dever dos cristãos, mas sem haver permissividade com a prática e o estilo de vida homossexuais, condenados, em sua opinião, pela Bíblia, a qual não fala de identidade ou sexualidade, mas de práticas sexuais, separando-as em boas ou más.

Embora ninguém seja obrigado a viver aquilo que a Bíblia ensina, mesmo entre aqueles que adotam o estilo bíblico de vida, segundo o pastor, as diferenças doutrinárias são imensas e nem todos que se dizem cristãos enxergam as coisas “como a Bíblia enxerga” e não atentam para os planos “verdadeiros” de Deus para a sexualidade humana, vivendo, dessa forma, “outro evangelho” em uma comunidade inhabitada por Deus.

Do ponto de vista de Riker, “todas as sexualidades são resultado de processos intrincados que envolvem o corpo com o qual nascemos, o sujeito psíquico que reage ao mundo de uma forma particular e as relações sociais que travamos desde o ventre” (Riker, 2022b). Entretanto, as sexualidades, em toda sua complexidade e no plural, são diferentes da chamada “sexualidade bíblica”. Assim ele a descreve:

Sexualidade é uma dimensão humana criada por Deus e que deve ser administrada por nós, visando a glória de Deus. Sexualidade bíblica é sobre afeto, prazer, desejo e vida. Tudo isso criado, caído e possivelmente redimido em Cristo. Portanto, sexualidade não tem a ver apenas com a sua genitália. Na verdade, fala sobre os amores do seu coração (Riker, 2021b).

A “sexualidade bíblica”, como descrita acima, envolve formas particulares e regulatórias dos corpos, dos afetos e dos prazeres. Tal doutrina sexual afirma que o “crente” deve ser responsável pela sua vida sexual, a qual deve estar em acordo com os planos de Deus.

Assim, o sexo antes do casamento e sem compromisso não é recomendado, nem ter relações sexuais entre cristãos e não cristãos. O namoro deve visar ao casamento e aos encontros casuais e relacionamentos sem compromisso; aqueles que visam obter prazer pessoal e objetificado do corpo de alguém, não ensinam a amar a pessoa. Há, aqui, uma forte associação entre sexualidade e amor, um vínculo que se daria, então, pelo casamento. O corpo do homem ou da mulher, além de pertencer a Deus, de acordo com o teólogo, só passariam a pertencer ao outro por meio do casamento e do compromisso. Nesse sentido, a ideia sugerida pelo sociólogo Anthony Giddens (1993), de que, de modo geral, os adolescentes de hoje vinculam amor e sexualidade em um “relacionamento” e falam menos em “casamento”, deve ser alarmante e desafiadora para o pastor.

Para conquistar uma “sexualidade bíblica”, Riker prescreve atitudes e comportamentos emprestados dos textos bíblicos, especialmente as passagens do Novo Testamento, já que o objetivo é parir “um novo homem redimido sexualmente em Cristo”. Ao mesmo tempo, o Antigo Testamento tem um papel fundamental, como mostra a passagem a seguir:

Toda teologia do corpo e a compreensão do papel dos afetos e das relações dependem de um bom entendimento do primeiro livro da Bíblia. A doutrina da criação é central para a fé cristã. [...] Gênesis 1-2 é de natureza histórica. [...] Adão e Eva eram pessoas reais em um passado real. E a Queda foi um evento real, com consequências reais e devastadoras para toda a humanidade (Riker, 2021c).

Os mitos bíblicos das origens, da criação e da queda são inseparáveis da produção discursiva evangélica sobre as noções de gênero e de sexualidade, sobretudo por destacar passagens que envolvem profundamente a fé cristã. Para Riker, em vez de míticos, os personagens e eventos descritos no livro do Gênesis do Antigo Testamento são históricos, frutos de um tempo e espaço reais e que descrevem o papel e o lugar da humanidade nos planos de Deus para a sexualidade. Nesse sentido, também transcendem a própria história.

Partindo de uma visão do mito enquanto tradição popular com diferentes funções, entende-se, com base em Caldeira (2011) e Franco Jr (1996), haver em Riker um impulso natural para conservar os valores cristãos adquiridos desde o berço e cultivados durante

toda uma vida de dedicação à igreja e à família, reforçado por uma suposta perseguição e falta de liberdade religiosas que sempre acompanharam a história do cristianismo.

Entretanto, ao mesmo tempo em que se revestem de um caráter tradicional, os mitos por ele empregados nos discursos – assim como as citações bíblicas tomadas intencionalmente para definir sexualidade – também servem como um dispositivo ideológico foucaultiano, como foi evidenciado por Maranhão Filho (2018; 2021), que é ativado por quem “interpreta a vontade divina”, com o objetivo de fortalecer uma agenda dominante, conservadora e heteronormativa, além do próprio emissor do discurso.

Ao se referir à homossexualidade, Riker afirma que a prática homossexual jamais poderá reunir os “diferentes e complementares” e nem se tornar “uma só carne”. Não existem, desse modo, amor ou virtudes em uma união homoafetiva. Ele busca, assim, criar “corpos santificados” ou, dito de outra forma, templos sagrados do corpo. Sinônimo de pecado, a prática homossexual violaria e macularia os próprios corpos, uma vez que estes “pertencem” a Deus.

Além da citação bíblica acima descrita, Riker se apropria de outras passagens bíblicas das epístolas escritas pelo apóstolo Paulo para desqualificar a homossexualidade, associando-a à impureza, à maldade, à idolatria e à luxúria, como a Primeira Epístola aos Coríntios 7:4, a Epístola aos Gálatas 5:19, a Epístola aos Colossenses 3:5 e a Primeira Epístola aos Tessalonicenses 4:3.

Na obra “O Dossel Sagrado”, Peter Berger afirma que “a religião é o empreendimento humano pelo qual se estabelece um cosmos sagrado” (Berger, 2021, p. 45), uma ordem total, cujo antônimo, em um nível mais profundo, é o caos. Nessa linha, a “sexualidade bíblica” representaria a ordem divina e “natural”, ao passo que a prática homossexual significaria o anômalo e o desordenado, impondo, assim, uma verdadeira batalha espiritual para a pessoa cristã e homossexual.

A interpretação bíblica de Riker sobre a origem teológica da homossexualidade é a Queda, isto é, “o resultado da atitude rebelde que buscou a independência de Deus” (Riker, 2022c), sinônimo de pecado, que, se adotada pelo cristão, significaria sua morte espiritual. Riker ajudaria as pessoas em conflito a saírem de um estado marcado pela independência de Deus, levando-as a “conhecer ao Pai por meio de Cristo e aprender a se definir por meio Dele”, adquirindo, desta forma, “uma nova identidade, novos amores e um novo horizonte para as relações sexuais. Tudo debaixo do senhorio de Cristo” (Riker, 2021d).

No entanto, Riker não se restringe ao campo teológico para compor sua “teodiceia da sexualidade”. Ele também empresta o conhecimento da Antropologia Social, da Psicologia, da Medicina e do Direito, a fim de tensionar o campo religioso, além de acumular e disputar capital religioso.

Sobre as críticas que recebe no Instagram – associando suas posturas a problemas psiquiátricos, sexuais e emocionais, além de ser acusado de “cúmplice no assassinato de homossexuais” (Riker, 2022d) – ele se defende, afirmado, reversivamente, ser vítima de intolerância e preconceito. Segundo ele: “há sim discordâncias críticas, há discordâncias respeitosas e você vai ter que aceitar isso” (Riker, 2022e).

Mas Riker deixa claro que é dever de todo cristão acolher as pessoas homossexuais que, voluntariamente, buscam ajuda. Isso não significa que a igreja deva ser permissiva

com o “pecado homossexual”. Depois de acolhidos, irmãos e irmãs cristãos homossexuais, que supostamente estão cientes do seu “pecado” e desejam se livrar deste “conflito”, passam pela pregação e o ensino das Escrituras aplicadas à sexualidade, quando aprendem a “responder as questões, se interessar por elas; o centro não é a heterossexualidade, o centro é Cristo crucificado” (Riker, 2022f). A “conversão”, na experiência do pastor, não significa o desaparecimento das atrações homossexuais e o surgimento da atração heterossexual.

Riker expressa posturas negativas tanto na forma de acolher as pessoas homossexuais para dentro da Igreja, como também na sua visão sobre as políticas públicas voltadas para as minorias sexuais. Para ele, “de acordo com a Bíblia, LGBTQIA+ é muita coisa, porém não é um conjunto de identidades” (Riker, 2021e). Em seus discursos verificou-se que, sob os rótulos do “pecado” ou de que “o desejo não te define” ou, ainda, que “a atração não é voluntária”, as carreiras homossexual e religiosa se tornam incompatíveis e irrealizáveis e toda uma rede de amizades, afetos e prazeres é negada.

Conclusão

A imposição de uma “sexualidade bíblica” aos fiéis por parte de alguns líderes e ministérios da Exodus Brasil, enquanto um guia normativo de condutas para se viver uma sexualidade “desejada por Deus”, embasada em passagens do Antigo e do Novo Testamento, carrega tons hostis, contrários e adversos à prática e ao estilo de vida homossexuais. Dito de outra forma, defrontamo-nos aqui com uma forma de violência que, embora não encoraje agressões e confrontos físicos, carrega símbolos e sugestões estigmatizantes e desqualificantes sobre a diversidade sexual.

Como sugerido em alguns discursos, a renúncia da consciência individual e do próprio corpo, ambos submetidos à ordem descrita nos textos bíblicos – interpretados, por sua vez, de uma leitura literal e dicotômica do mundo – implicam um tipo de relação entre Deus/líderes religiosos e fiéis que Peter Berger (2021) descreveu como “masoquismo religioso”. Segundo esta, reitera-se e fomenta-se uma atitude de apagamento do eu e da absolutização do outro, neste caso do Deus bíblico criado pelo pastor, por meio de uma entrega total e devota, que reitera, no plano discursivo, o “desnívelamento fundamental na relação entre locutor e ouvinte”, nos termos formulados por Orlandi:

O locutor é Deus, logo, de acordo com a crença, imortal, eterno, infalível, infinito e todo-poderoso; os ouvintes são humanos, logo, mortais, efêmeros falíveis, finitos, dotados de poder relativo. Na desigualdade, Deus domina os homens. Dessa assimetria original vão decorrer, como veremos, várias outras, porque a desigualdade imortalidade/mortalidade instala, para os homens, a relação vida/morte e dessa relação nasce a necessidade de salvação para a vida eterna. O móvel para a salvação é a fé (Orlandi, 1987, p. 243).

Desse modo, para os cristãos e cristãs que desejam deixar a homossexualidade – entendida como uma força anômica e desordenante da ordem social e espiritual – e se submeter às leis e aos esforços cobrados pela “sexualidade bíblica”, em estado de vulnerabilidade e abatimento emocional, eles não encontram outra saída exceto “transcendentalizar” Deus e o sofrimento, sendo este último encarado de forma voluntária e até cordial.

Por outro ângulo, a partir da desqualificação de interpretações bíblicas diferentes das suas, acabam por hierarquizar as liberdades religiosas e reforçar as diferenças (Pierucci, 1990; 1996) entre as pessoas cristãs, entre estas e as pessoas não cristãs, entre gays e cristãos, características essas que dão intenso tom conservador aos discursos, muitas vezes carregado de discriminação e preconceito.

A presença pública dos ministérios e de seus coordenadores enquanto “figuras públicas” nas redes sociais digitais acaba por lhes conferir, assim como ao Exodus Brasil, um comportamento de “religião pública”, uma vez que utilizam as ferramentas e os recursos disponibilizados pelas mídias digitais para produzir material e se manter influentes em três dimensões da sociedade contemporânea: no aparato do Estado, no sistema político e enquanto força mobilizadora na sociedade civil (Montero, 2016). Como se procurou demonstrar, no caso analisado tal atuação discursiva, a de uma abordagem teológica sobre a sexualidade, busca atrair um público “crente” e jovem, apostando na veiculação de imagens, mensagens, vídeos e *lives* para obter cada vez mais visibilidade social e legitimidade política. Essa atuação contextual guarda profundas relações com elementos estruturais da sociedade e da política no Brasil, marcada pela tradição patriarcalista, misógina, racista, moralista, reproduzida e legitimada institucionalmente graças à também tradicional relação porosa entre religião e política neste país (Silva, 2023). A esses elementos somam-se as condições criadas pelo desenvolvimento do processo comunicacional – a chamada “Reforma Digital”, como descrito pela teóloga norteamericana Elizabeth Drescher (2011) – e pela “desprivatização” dos evangélicos brasileiros, que se apropriam das diferentes mídias como veículo de divulgação de suas mensagens teológicas e políticas (Cunha, 2019).

Não é difícil observar, com base no conteúdo discursivo descrito, que estamos lidando com um grupo religioso conservador na moral e nos costumes. Um grupo unificado pelas mesmas interpretações conservadoras da Bíblia, autoritário, essencialista e com traços fundamentalistas – no seu aspecto antimoderno, beligerante e exclusivista – alinhado à extrema-direita política brasileira e que, neste sentido, opõe-se veemente aos avanços dos direitos das minorias sexuais.

Seja como for, inserem-se no conjunto de setores religiosos à direita política ultraconservadora, que, além do mundo dos fiéis, estrategicamente “disputa no plano da norma jurídica os conteúdos da moralidade pública” e “se comporta como religião pública com pretensão reguladora do mundo secular” (Almeida, 2019, p. 208). São “cristãos bem treinados como missionários e com boa formação acadêmica [que ampliou] sua participação no debate público, ajustando sua visão ética a uma linguagem mais secularizada” (Montero, 2012, p. 173).

Desse modo, os líderes ministeriais da Exodus Brasil, em maior ou menor intensidade, pessoalmente ou indiretamente por intermédio dos ministérios de ajuda que coordenam, combinam ativismo digital religioso-sexual com “ativismo político não institucional”. Fazendo uso político do sexo nas redes sociais digitais com objetivo claro de obstrução dos direitos LGBTQIA+ recriam, assim, o “imaginário do inimigo” (Cunha, 2019), além de desqualificar e manipular as minorias sexuais.

Entendemos que há formas variadas de discriminação e de preconceito ligadas à homossexualidade e à diversidade sexual em geral, por parte de alguns líderes

religiosos. Dessa forma, as múltiplas homossexualidades vêm acompanhadas de diferentes homofobias.

No caso estudado, a negação da prática e do estilo homossexuais por parte dos ministérios e líderes religiosos da Exodus Brasil, embora justificada em nome da liberdade religiosa e do acolhimento aos homossexuais, apresentou formas sutis e simbólicas de “homofobia pastoral”, como sugerida por Natividade, Oliveira (2009, p. 208), enquanto “expressões de homofobia religiosa mais circunscritas no nível da interação entre lideranças e fiéis, que eventualmente transparecem em discursos que servem como ‘guias’ ou exemplos normativos para a conduta do fiel e as atividades de cuidado pastoral. A unidade dos discursos provém dos princípios cosmológicos, argumentos teológicos doutrinários e interpretações conservadoras do texto bíblico”. Além disso, concordamos com os autores no sentido de que a obstrução dos direitos das minorias sexuais também é uma forma de homofobia religiosa.

Finalmente, embora o tema da homofobia tenha ganhado projeção nos estudos acadêmicos da área 44 da CAPES e tenha sido um dos temas mais relevantes nas poucas publicações a ele dedicadas no âmbito dos Programas de Pós-Graduação (PPG) em ciênci(a)s da(s) religião(ões) entre os anos de 2013 e 2022, ainda existe um grande silenciamento sobre o tópico nos PPGs em Teologia (Buttignol; Cloclet, 2023)⁵, minimizando, assim, a importância deste tema na composição das experiências e subjetividades humanas. Cremos que essa é uma lacuna a ser superada no que toca às contribuições acadêmicas na área, comprometidas com a construção da dignidade e liberdade humanas..

Referencias

ALMEIDA, Ronaldo. Bolsonaro Presidente: conservadorismo, evangelismo e a crise brasileira”. Novos Estudos CEBRAP, v. 38, nº 1, p. 185-213, 2019.

AMORIM, Herbert. Eu sou quem sou. Facebook, 2024a. Disponível em: <https://www.facebook.com/herbertdeamorim>. Acesso em: 26 fev. 2024

AMORIM, Herbert. Compartilhar momentos e atividades, em família, amigos e Igreja. Facebook, 2024b. Disponível em: https://www.facebook.com/Pr.Herbert.Amorim/?ref=page_internal. Acesso em: 26 fev. 2024.

AMORIM, Herbert. Sintomas do Lulavírus. Fortaleza, 25 out. 2022a. Disponível em: <https://www.facebook.com/Pr.Herbert.Amorim>. Acesso em: 29 jan. 2023.

AMORIM, Herbert. Boulos arregou! Fortaleza, 7 out. 2022b. Disponível em: <https://www.facebook.com/Pr.Herbert.Amorim>. Acesso em: 29 jan. 2023.

⁵ Chama a atenção o fato de que, para o período abordado, o número de publicações sobre o tema em PPGs de teologia foi três vezes menor do que os PPGs de ciênci(a)s da(s) religião(ões).

AMORIM, Herbert. Deus acima de tudo, Brasil acima de todos. Fortaleza, 2 out. 2022c. Disponível em: <https://www.facebook.com/Pr.Herbert.Amorim>. Acesso em: 29 jan. 2023.

AMORIM, Herbert. Estou em oração pela minha nação. Fortaleza, 4 out. 2022d. Disponível em: <https://www.facebook.com/Pr.Herbert.Amorim>. Acesso em: 29 jan. 2023.

AMORIM, Herbert. A igreja de um amigo, Dc Marcelon Pernambuco. Fortaleza, 6 out. 2022e. Disponível em: <https://www.facebook.com/Pr.Herbert.Amorim>. Acesso em: 29 jan. 2023.

AMORIM, Herbert. A Igreja não tem partido [...]. Fortaleza, 9 out. 2022f. Disponível em: <https://www.facebook.com/Pr.Herbert.Amorim>. Acesso em: 29 jan. 2023.

AMORIM, Herbert. Mas escolha dentre todo o povo homens capazes [...]. Fortaleza, 12 out. 2022g. Disponível em: <https://www.facebook.com/Pr.Herbert.Amorim>. Acesso em: 29 jan. 2023.

BERGER, Peter. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulus, 11^a ed., 2021.

BIANCARELLI, Aureliano. Encontro em Minas quer “curar” homossexuais. Folha de São Paulo. São Paulo, 11 jun., 1998, Cotidiano. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff11069830.htm>>. Acesso em: 26 fev. 2024.

BRASIL. SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL. *Diversidade: Jurisprudência do STF e Bibliografia Temática*. Brasília: STF, Secretaria de Documentação, 2020.

BUTTIGNOL, Fernando Cesar; SILVA, Ana Rosa Cloquet. Religião e homossexualidade na esfera pública: o ativismo digital e conservador evangélico. Dissertação de mestrado. Campinas: PUC-Campinas, 2023.

CARRARA, Sergio; SIMÓES, Julio. Sexualidade, cultura e política: a trajetória da identidade homossexual masculina na antropologia brasileira. *Cadernos Pagu* (28), p. 65-99, janeiro-junho de 2007.

CUNHA, Magali. Os processos de midiatização das religiões no Brasil e o ativismo digital evangélico. *Revista Famecos*, v. 26, n. 1, 2019.

DRESCHER, Elizabeth. *Tweet if you heart Jesus: practicing church in the Digital Reformation*. New York, Harrisburg, Denver: Morehouse Publishing, 2011.

EXODUS BRASIL. Queridos irmãos, amigos e parceiros. Londrina, 1 fev. 2023. Instagram: exodus_brasil. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CoH2y5xNvZU/>>. Acesso em: 23 jul. 2023.

FOLHA DE S. PAULO. Encontro em Minas quer “curar” homossexuais. 1998. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff11069830.htm>>. Acesso em: 26 jul. 2023.

- FOUCAULT, Michel. O saber gay. Revista Ecopolítica, n. 11, p. 2-27, 2015.
- FOUCAULT, M. História da sexualidade., volume 1: a vontade de saber. 6^a ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.
- FRANCO JR, Hilário. A Eva barbada: ensaios de mitologia medieval. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.
- FRY, Peter; MACRAE, Edward. O que é homossexualidade. São Paulo: Abril Cultural Brasiliense, 1995.
- GIDDENS, Anthony. A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.
- GIDDENS, Anthony; BECK, Ulrich; LASH, Scott. Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna. São Paulo: Ed. UNESP, 1997.
- HEILBORN, M. L.; BRANDÃO, E. R. “Introdução: Ciências Sociais e Sexualidade”, in: HEILBORN, M. L. (Org.). Sexualidade: o olhar das ciências sociais, IMS/UERJ. Rio de Janeiro: Editora Zahar, p. 7-17, 1999.
- IGREJA DE CRISTO NO BRASIL. Quem somos. 2020. Disponível em: <https://www.icj23.com.br/siteicj23/quemsomos.html>. Acesso em: 11 mar. 2023.
- KOZINETS, Robert. V. Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online. Porto Alegre: Penso, 2014.
- MARANHÃO FILHO, Eduardo Meinberg de Albuquerque. “Um tapa na cara pra quem diz que cura gay não existe: a ideologia de gênesis em Cleycianne, Lady Gaga e Marco Feliciano. Religare, v.15, n.2, p. 612–651, 2018.
- MARANHÃO FILHO, Eduardo Meinberg de Albuquerque. Gênero é pedofilia, zoofilia e necrofilia: a destruição da família e as ideologias de gênero e gênesis nos discursos de Magno Malta. Estudos de Religião, v. 35, n. 3, p. 85-114, 2021.
- MATOS, Caio. Os homossexuais na visão de Bolsonaro. Congresso em Foco. Brasília, 25 set., 2022. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/governo/os-homossexuais-na-visao-de-bolsonaro/>. Acesso em: 03 dez. 2022.
- MINISTÉRIO AMOR EM AÇÃO. Organização religiosa. Instagram, 2024. Disponível em: https://www.instagram.com/ministerio_amoremacao/. Acesso em: 26 fev. 2024.
- MINISTÉRIO RP2. Organização religiosa. Facebook, 2024a. Disponível em: <https://www.facebook.com/ministeriorp2/>. Acesso em: 26 fev. 2024.
- MINISTÉRIO RP2. Organização religiosa. Instagram, 2024b. MINISTÉRIO RP2. Disponível em: https://www.instagram.com/ministerio_rp2/. Acesso em: 26 fev. 2024.

MINISTÉRIO RP2. Ordem Bíblica da Família. Belo Horizonte, 6 jan. 2019a. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BsUItBNgw57/>. Acesso em: 26 fev. 2024.

MINISTÉRIO RP2. Professor é demitido por não chamar aluno pelo artigo transgênero. Belo Horizonte, 10 dez. 2018a. Disponível em: <https://www.facebook.com/ministeriorp2>. Acesso em: 29 jan. 2023.

MINISTÉRIO RP2. ONG cristã é forçada a agenciar adoções para casais gays. Belo Horizonte, 11 dez. 2018b. Disponível em: <https://www.facebook.com/ministeriorp2>. Acesso em: 29 jan. 2023.

MINISTÉRIO RP2. Confeiteiro cristão volta ao tribunal por se recusar a fazer bolo gay. Belo Horizonte, 21 dez. 2018c. Disponível em: <https://www.facebook.com/ministeriorp2>. Acesso em: 29 jan. 2023.

MINISTÉRIO RP2. Justiça proíbe pai de tratar filha como menina após ela se declarar menino. Belo Horizonte, 29 abr. 2019b. Disponível em: <https://www.facebook.com/ministeriorp2>. Acesso em: 29 jan. 2023.

MINISTÉRIO RP2. Transexual é ordenado ao ministério pastoral em Igreja Batista nos EUA. Belo Horizonte, 27 mar. 2019c. Disponível em: <https://www.facebook.com/ministeriorp2>. Acesso em: 29 jan. 2023.

MINISTÉRIO RP2. Certidão de nascimento poderá ter opção “gênero X” em Minas Gerais. Belo Horizonte, 15 fev. 2019d. Disponível em: <https://www.facebook.com/ministeriorp2>. Acesso em: 29 jan. 2023.

MINISTÉRIO RP2. Cuba tira casamento gay da nova Constituição após protestos evangélicos. Belo Horizonte, 21 dez. 2018d. Disponível em: <https://www.facebook.com/ministeriorp2>. Acesso em: 29 jan. 2023.

MINISTÉRIO RP2. Suprema Corte do Canadá determina que os direitos LGBT devem se sobrepor a crenças religiosas. Belo Horizonte, 24 dez. 2018e. Disponível em: <https://www.facebook.com/ministeriorp2>. Acesso em: 29 jan. 2023.

MINISTÉRIO RP2. Escolas da França substituirão ‘pai’ e ‘mãe’ por ‘genitor 1’ e ‘genitor 2’. Belo Horizonte, 18 fev. 2019e. Disponível em: <https://www.facebook.com/ministeriorp2>. Acesso em: 29 jan. 2023.

MINISTÉRIO RP2. Bandeira LGBT deverá ser hasteada em várias escolas primárias canadenses a partir de junho. Belo Horizonte, 22 ago. 2019f. Disponível em: <https://www.facebook.com/ministeriorp2>. Acesso em: 29 jan. 2023.

MINISTÉRIO RP2. “Barroso diz que religiões não devem ser punidas por condenar a homossexualidade”. Belo Horizonte, 22 fev. 2019g. Disponível em: https://www.instagram.com/p/BuMO7Mng1B_/. Acesso em: 29 jan. 2023.

MINISTÉRIO RP2. STF pode proibir pastores de pregarem contra homossexualidade nos cultos. Belo Horizonte, 02 jun. 2019h. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/ByOnMoUDsVb/>. Acesso em: 29 jan. 2023.

MINISTÉRIO RP2. Futura Ministra dos Direitos Humanos defende aprovação do Estatuto do Nascituro. Belo Horizonte, 11 dez. 2018f. Disponível em: <https://www.facebook.com/ministeriorp2>. Acesso em: 29 jan. 2023.

MINISTÉRIO RP2. Trump faz discurso contra o aborto. Belo Horizonte, 28 jan. 2019i. Disponível em: <https://www.facebook.com/ministeriorp2>. Acesso em: 29 jan. 2023.

MINISTÉRIO RP2. Chanceler indicado por Bolsonaro promete se opor à ideologia de gênero e aborto até na ONU. Belo Horizonte, 13 dez. 2018g. Disponível em: <https://www.facebook.com/ministeriorp2>. Acesso em: 29 jan. 2023.

MINISTÉRIO RP2. Bolsonaro inaugura escola e critica ideologia de gênero. Belo Horizonte, 18 dez. 2018h. Disponível em: <https://www.facebook.com/ministeriorp2>. Acesso em: 29 jan. 2023.

MINISTÉRIO RP2. SC: Governo tira ideologia de gênero das escolas públicas. Belo Horizonte, 31 ago. 2019j. Disponível em: <https://www.facebook.com/ministeriorp2>. Acesso em: 29 jan. 2023.

MONTERO, Paula. “Religiões Públicas” ou religiões na Esfera Pública? Religião e Sociedade, v. 36, n. 1, Rio de Janeiro, p. 128-150, 2016.

MONTERO, Paula. Controvérsias religiosas e esfera pública: repensando as religiões como discurso. Religião e Sociedade, v. 32, n. 1, Rio de Janeiro, p. 167-183, 2012.

MOTT, Luiz. Escravidão e homossexualidade. In: VAINFAS, R. (org.) História e sexualidade no Brasil. 1^a ed., Rio de Janeiro: Edições Graal, p. 19-40, 1986.

MOTT, Luiz. Raízes Históricas da homossexualidade no Atlântico Lusófono negro. Revista Afro-Ásia, 33, p. 9-33, 2005.

NATIONAL MUSEUM OF AMERICAN HISTORY. The Mattachine Society of Washington “Love in Action” Collection. Archives Center, 2017. Disponível em: <<https://sova.si.edu/record/nmah.ac.1428>>. Acesso em: 26 fev. 2024.

NATIVIDADE, Marcelo; OLIVEIRA, Leandro de. As novas guerras sexuais: diferença, poder religioso e identidades LGBT. Rio de Janeiro: Garamond, 2013.

NATIVIDADE, Marcelo; OLIVEIRA, Leandro de. “Nós acolhemos os homossexuais”: homofobia pastoral e regulação da sexualidade. Revista TOMO, São Cristóvão/SE, nº 14, jan./jun. 2009

ORLANDI, Eni. A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso. 2^a. Ed. Campinas: Pontes, 1987.

PIERUCCI, A. F. Ciladas da diferença. Tempo Social, v. 2, n. 2, p. 7-33, 1990.

PIERUCCI, Antônio Flávio. Representantes de Deus em Brasília: a bancada evangélica na Constituinte. In: PIERUCCI, Antônio Flávio; PRANDI, Reginaldo. A realidade social das religiões no Brasil. São Paulo: Ed. Hucitec, 1996.

POLLACK, Michael. A homossexualidade masculina, ou: a felicidade do gueto? In: ARIÈS, Philippe; BEJIN, André (Orgs.). Sexualidades Ocidentais: contribuições para a História e Sociologia da sexualidade. São Paulo: Brasiliense, 3^a ed., 1987.

RIKER, David. O maior e mais atual inimigo da sexualidade bíblica não é o conteúdo do mundo. Belo Horizonte, 26 ago. 2021a. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CTCLWCfLmZh/>. Acesso em: 01 out. 2022.

RIKER, David. Já viu por aí?. Belo Horizonte, 19 fev. 2022a. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CaJN-sAlZ5U/>. Acesso em: 01 out. 2022.

RIKER, D. A pessoa nasce homossexual ou se torna? Belo Horizonte, 6 mar. 2022b. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Cax0RV4u9UN/>. Acesso em: 1 out. 2022.

RIKER, David. Sexualidade bíblica não é sobre uma lista de regras a respeito do ato sexual. Belo Horizonte, 14 set. 2021b. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CT0el0DtJKP/>. Acesso em: 01 out. 2022.

RIKER, David. 5 teses sobre criação e evolução que evangélicos podem apoiar. Belo Horizonte, 27 out. 2021c. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CVjFyYIrMqY/>. Acesso em: 01 out. 2022.

RIKER, David. Se sinto atração homossexual/bissexual é porque Deus me criou assim. Será? Belo Horizonte, 20 jan. 2022c. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CY9DTU1OrU5/>. Acesso em: 01 out. 2022.

RIKER, David. Você ajuda as pessoas a saírem da homossexualidade? Instagram, Stories. Belo Horizonte, 24 ago. 2021d.

RIKER, David. Se você disser que, segundo a Bíblia, a homossexualidade é pecado, então você é cúmplice do assassinato de homossexuais. Belo Horizonte, 06 jan. 2022d. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CYZFkU3uv38/>. Acesso em: 01 out. 2022.

RIKER, D. Os ataques que sofro no Instagram. Belo Horizonte, 13 jan. 2022e. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CYrT7TZJsf/>. Acesso em: 1 out. 2022.

RIKER, David. No que a Igreja precisa focar para lidar com pessoas que se dizem LGBTQIA+?. Belo Horizonte, 17 mar. 2022f. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CbNldvZPyKc/>. Acesso em: 01 out. 2022.

RIKER, David. De acordo com a Bíblia, LGBTQIA+ é muita coisa, porém não é um conjunto de identidades. Belo Horizonte, 19 ago. 2021e. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CSR_He7rLht/. Acesso em: 01 out. 2022.

SOUZA, Andréa Silveira de. Escola sem partido. Disponível em: <https://religiaoepoder.org.br/artigo/escola-sem-partido/>. Acesso em 17 out. 2022.

UOL. Os homossexuais na visão de Bolsonaro. 2021b. Disponível em: <<https://congressoemfoco.uol.com.br/area/governo/os-homossexuais-na-visao-de-bolsonaro/>>. Acesso em: 23 jul. 2023.

VAINFAS, Ronaldo (org.) História e sexualidade no Brasil. 1^a ed., Rio de Janeiro: Edições Graal, 1986.

VAINFAS, Ronaldo. Trópico dos pecados: moral, sexualidade e Inquisição no Brasil. Formato eBook. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

ZANOTTO, Gizele. A análise do discurso como instrumento metodológico para o historiador da religião. In: SILVA, Ana Rosa Cloquet; STEFANO, Roberto di (Orgs.). História das religiões em perspectiva: desafios conceituais, diálogos interdisciplinares e questões metodológicas. Curitiba: Editora Prismas, 2018.

Submetido em: 07/08/2023

Aprovado em: 31/05/2024

Conflito de interesses: Nenhum declarado.

Editor responsável: Alfredo Teixeira.

Este artigo resulta de pesquisa de mestrado financiada pela CAPES e vincula-se ao Projeto Universal CNPq Faixa B - Grupos Consolidados, com vigência entre 2021-2024 (Processo n° 404939/2021-0).